

MARACATU COMO MOVIMENTO EM PERNAMBUCO-RE: ENTRE RESISTÊNCIA E PODER

*Elenísia de Oliveira*¹

*Rafaely Zambianco*²

*Jorge Gomes*³

136

RESUMO: Este trabalho parte da análise de nossa experiência na aplicação da sequência didática (ZABALA, 1998) “Maracatu como movimento em Pernambuco – RE: entre resistência e poder”, que ocorreu durante o primeiro semestre de 2015 na turma do 6º ano A, realizada na Escola Estadual Padre João Tomes, localizada na cidade de Três Lagoas – MS. Teve como objetivo abordar um pouco da história do Maracatu enquanto um movimento artístico-cultural de cunho religioso que também foi uma forma de resistência e poder dos escravos no Brasil Império, e posteriormente dos negros no governo de Getúlio Vargas.(1930-1937)

PALAVRAS-CHAVE: Sequência Didática; Maracatu; Resistência; Negros.

INTRODUÇÃO

A sequência didática “*Maracatu como movimento em Pernambuco-RE: entre resistência e poder*” foi realizada no primeiro semestre de 2015, no 6º ano A da “*Escola Estadual Padre João Tomes*”, localizada na cidade de Três Lagoas, Mato Grosso do Sul. A turma era composta por 21 alunos e o projeto teve a duração de oito encontros de aulas duplas de História.

O projeto objetiva a compreensão dos alunos no que se refere ao Maracatu, na região de Pernambuco, sendo este uma forma de resistência e poder do movimento negro, em que a figura do escravo dos séculos anteriores aparece como sujeito ativo da História, superando a ideia de que sofreram passivamente à escravidão.

¹ Discente do Curso de História.

² Discente do Curso de História.

³ Discente do Curso de História.

A sequência vem ao encontro com lei 11645/2008, que tornou obrigatório o ensino de História e cultura africana e afro-brasileira e indígena na Educação Nacional. Assim, torna-se possível a valorização da autoestima e identidade do aluno negro; e a desconstrução de visões estereotipadas, etnocêntricas e preconceituosas em relação às culturas africanas e afro-brasileiras, a partir do conteúdo aplicado no decorrer das aulas. Para atingir a proposta em sala, pontuamos como objetivo: Possibilitar aos alunos a compreensão do papel do Maracatu para além do movimento artístico-cultural e de cunho religioso, enfatizando-o como forma de luta e resistência negra na região de Pernambuco-RE.

REFERENCIAL TEÓRICO

No que tange o processo teórico-metodológico referente à educação, partimos do modelo de sequência didática proposto por Zabala (1998). Segundo o autor

“[...] refletir sobre o que propomos, e o que implica aprendê-lo de maneira significativa pode nos conduzir a estabelecer propostas mais fundamentadas, suscetíveis de ajudar mais os alunos e ajudar a nós mesmos.” (ZABALA, 1998, p. 86).

Ou seja, o conhecimento se faz numa relação de preocupação mútua de aprendizagem entre professor e aluno, através de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Outra metodologia que permite construir uma aprendizagem significativa é a de Iglesias (1987), que propõe o caráter investigativo, ou seja, o aluno questiona a partir do processo de investigação do conteúdo histórico, das fontes e análises históricas acerca do conteúdo trabalhado.

Para a aprendizagem histórica, precisamos ter em vista o que propõe Monteiro (2003), de que o saber escolar é construído de forma dialética, tendo como ponto de partida a realidade sociocultural que o aluno está inserido. Nesse sentido, o professor por via da reflexão e de saberes científicos possibilita ao aluno perceber-se enquanto agente ativo na produção do conhecimento, que possa identificar na produção científica elementos que contribuem para o reconhecimento e desenvolvimento do senso crítico, que possa também produzir um saber escolar.

Em relação ao Maracatu como manifestação religiosa, Ivaldo Marciano de França Lima (2006) contribui com nossa análise, pois aborda o Maracatu enquanto Revista Interdisciplinar de Educação do Campus de Três Lagoas/ MS – CPTL/UFMS V. 1

movimento artístico-cultural e religioso, que ganhou força no período de repressão do governo de Getúlio Vargas, principalmente após a década de 1930. O autor destaca os seguintes conteúdos: manifestação da cultura popular de origem africana; tipos de Maracatu – baque-solto (rural) e baque-virado (nação).

Abordamos também o conceito de “raça” como forma de legitimar a escravidão (eugenia), que nos embasamos nos estudiosos Munanga (2006), e Leila Leite Hernandez (2011). Como apontado por esses autores, o conceito de raça surge aproximadamente no século XVI, criado pelos naturalistas para diferenciar um grupo de pessoas pela cor da pele, e dessa forma submeter os povos negros, que nessa categoria de cores eram “inferiores”, tratados como “incivilizados”, povos de natureza selvagem que se assimilavam a animais e não possuíam cultura, e com isso os europeus justificavam a escravidão.

Outro teórico que utilizamos para embasar a sequência é Sousa (2005) para enfatizar o respeito à pluralidade cultural e étnica que possibilita a relação de alteridade que se dá para a construção da identidade, descaracterizando estigmas (que depreciam uns em favor de outros) em combate ao racismo.

METODOLOGIA

Para mobilizar alguns conteúdos atitudinais na sequência, de respeitar e ouvir ao colega de sala quando este está falando, de trabalhar coletivamente e de forma colaborativa, propusemos o *trabalho em grupo*: em um dos encontros dividimos a sala em grupos de três alunos. Para cada grupo, distribuimos os conceitos (entre eles raça, etnia, colonização, capoeira e escravidão, que explicamos em aulas anteriores) e eles ficaram responsáveis de por meio de um desenho representar o conceito que foi designado a eles. O trabalho em grupo foi importante, apesar dos alunos encontrarem dificuldades de articularem-se entre si.

No contato com as fontes estudadas (vídeos de Maracatu, imagens, etc.) notou-se uma maior participação dos alunos, onde eles investigavam os objetos, supondo o que seriam e para que serviam.

Trabalhamos com tecnologias, como o uso do *data-show*, tornando o aprendizado mais interativo com os conteúdos imagéticos: mapas, vídeos, imagens, etc. Mostramos o vídeo “*Navio Negreiro*”, interpretado por Caetano Veloso com cenas do filme “*Amistad*”.

Lemos o “*Conto de Xangô*” (PRANDI, 2000), a fim de que fosse possível uma postura de tolerância religiosa, propiciando o contato com o Maracatu como uma manifestação artístico-cultural de cunho religioso, que tem muita influência das religiões de matrizes africanas.

Expomos aos alunos os critérios e instrumentos de avaliação (participação nas atividades, escrita de diários de bordo, trabalho em grupo, etc.) no início da sequência, numa elaboração de combinados entre nós e os alunos. Como atividade avaliativa final pedimos para que eles escrevessem um texto respondendo a pergunta: “Porque o Maracatu é considerado uma forma de resistência?”, procurando discorrer sobre o conteúdo aprendido.

RESULTADOS ALCANÇADOS

No geral, a maioria da sala compreendeu parte substancial do conteúdo. Segue alguns textos produzidos pelos alunos:

“O maracatu é considerado uma forma de resistência, porque os escravos usavam isso para continuarem vivos, porque eles sofriam muito, trabalhavam muito, eram desrespeitados, tratados como animais, eram vendidos e ainda tinham que aguentar calados que eles não tinham almas etc... E o maracatu era uma forma deles falarem com os deuses deles e também para eles voltarem o pensamento deles a família deles que nunca mais iam ver.” – Beatriz O. L. Fontes

“[...] Eu não tenho preconceito dos santos. Mas eu não gosto. Deve ser porque eu sou evangélico. Eu gosto da dança do maracatu. [...]” - Sara

“O maracatu é considerado uma forma de resistência porque quando os negros eram colonizados eles eram levados para uma fazenda aonde eles eram obrigados a trabalhar dia e noite sem parar. E naquela fazenda tinha uma senzala e ali naquela senzala que normalmente aconteciam as festas de maracatu... eles adoravam os deuses deles e manifestavam seus costumes. Mas a igreja falava que isto tudo era coisa do diabo e que a religião africana não prestava e que tudo que eles acreditavam não prestava mas mesmo assim eles continuaram a adorar os deuses deles mas por ordem da igreja teriam que encaixar algo da igreja católica no maracatu e também teria um rei entre todos os negros para poder ir até a igreja católica.” - Davi

Dessa forma, trabalhamos de forma bastante lúdica (na primeira aula realizamos dinâmicas para interação e desenvolver com os alunos o respeito e a concepção de trabalho em grupo); focamos nos objetivos atitudinais, visando à tolerância religiosa com as religiões de matrizes africanas que influenciaram muito o Maracatu; organizamos trabalho em grupo; respeito à diversidade étnica e racial; valorização da própria história (somos frutos da miscigenação, ou seja, somos afrodescendentes, independente de cor, crença, etc.).

A partir da análise das atividades avaliativas, notamos que os alunos compreenderam o objetivo principal proposto: entender o Maracatu como forma de resistência e manifestação religiosa dos ex-escravos e negros. Percebemos que os alunos desconstruíram a imagem que alguns eventualmente possuíam do negro enquanto vítima e passivo, a partir do Maracatu, que é uma demonstração de uma das formas de luta e resistência negra no período colonial.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

HERNANDEZ, Leila M. G. Leite. “O processo de roedura do continente e a Conferência de Berlim”. In: *A África na sala de aula...*, Op.Cit, 2011, p. 45-70.

IGLESIAS, Francisco J. Merchán. *Reflexiones sobre el uso de una metodologia investigativa en la enseñanza-aprendizaje de las Ciencias Sociales em la adolescência. Investigación en la escuela. N°2, 1987.*

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus-nação e religiões afro-descendentes: uma relação muito além do carnaval. DIÁLOGOS, Maringá, v. 10, n. 3, p. 167-183, 2006.*

MONTEIRO, Ana M. *A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.*

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma L. *O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.*

PRANDI, Reginaldo. Conto de Xangô. In: *Mitologia dos Orixás*. Cia das Letras: São Paulo, 2000.

SOUSA, Francisca M. do N. Linguagens escolares e reprodução d preconceito. In: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ZABALA, Antoni. *Capítulo III: As sequências didáticas e as sequências de conteúdo*. IN: *A prática educativa*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.